

A Violência contra a Mulher no âmbito Familiar

*Rute Nascimento Pimentel Mendes¹; Jane Kley Matos dos Santos²;
Miréia Santana Araújo Lisboa³; Thalita Pacheco de Almeida Lima⁴*

Resumo: Objetivo: Avaliar o nível de conhecimento das mulheres quanto às diversas formas de agressões sofridas no âmbito familiar, buscando compreender o que inibe essas mulheres de procurar ajuda, logo que se trata de um problema de saúde pública. Método: Estudo descritivo com abordagem quantitativa, realizado a partir de revisão bibliográfica no período de 2012 a 2018. Os dados foram coletados do SCIELO, como limitadores será usado texto completo, artigos, periódicos científicos em português, tendo como descritores de inclusão violência, mulher, família. O pesquisador respeitou a autoria das fontes pesquisadas, referenciando os autores citados nos textos e nas referências bibliográficas. Resultado: Observou-se a falta de conhecimento de algumas mulheres em identificar as diversas formas de agressões sofridas por seus parceiros, infelizmente muitas ainda acreditam ser condutas normais em um relacionamento. Em outros casos não menos importante a questão da dependência financeira, a preocupação em manter a estabilidade familiar, o medo, a vergonha perante a sociedade ainda influenciam bastante na inibição das vítimas em denunciar seus agressores, as tornando assim prisioneiras de um relacionamento doentio. Conclusão: Diante do que foi exposto sugere-se que haja mais capacitação dos profissionais de saúde e órgãos responsáveis quanto as melhores formas de abordagem e acolhimento à essas mulheres. Pois é necessário que essas vítimas sejam tratadas com respeito, sejam ouvidas e devidamente orientadas quanto aos seus direitos e órgãos competentes e também encorajadas a tomar determinadas atitudes, e que essas mulheres sejam incentivadas a buscar o seu empoderamento, resgatando assim sua vida, valores e autoestima.

Palavras – chave: Violência; Mulher; Família.

Violence against Women in a Family sphere

Abstract: Objective: To evaluate women's knowledge about the forms of aggression suffered in the family context, seeking to understand what inhibits these women from seeking help. Method: Descriptive study with a quantitative approach, carried out from a bibliographical review in the period from 2012 to 2018. Data were collected from SCIELO, as limiters will be used full text, articles, scientific journals in Portuguese, including as descriptors of violence, woman, family. The researcher respected the authorship of the sources researched, referencing the authors cited in the texts and in the bibliographical references. Result: The lack of knowledge of some women in the identification of the forms of aggression suffered was believed to be normal behavior. In other cases, financial dependence, concern about maintaining family stability, fear, and shame towards society greatly influence the inhibition of victims in denouncing their aggressors. Conclusion: In view of the above, it is suggested that there is more training of health professionals as to the best ways of approaching these women. For it is necessary that these victims be properly guided in their rights and encouraged to take certain actions, encouraged to empower, thus recovering their self-esteem.

Key words: Violence; Woman; Family.

¹ Rute Nascimento Pimentel Mendes, Enfermeiranda do curso de Enfermagem da Faculdade Pitágoras de Feira de Santana – BA. rjmincien01@gmail.com;

² Jane Kley Matos dos Santos, Discente do curso de Enfermagem da Faculdade Pitágoras de Feira de Santana – BA; janekleymatos@gmail.com;

³ Miréia Santana Araújo Lisboa, Graduação em letras, pós-graduada em psicopedagogia, discente do curso de Enfermagem da Faculdade Pitágoras de Feira de Santana – BA. mireia_tuc@hotmail.com;

⁴ Thalita Pacheco de Almeida Lima, Docente do nível Superior do curso de enfermagem da Faculdade Pitágoras, especialista em UTI Neonatal e Pediátrica. thalitapacheco7@gmail.com.

Introdução

A questão violência feminina ou de gênero tornou-se um problema de ordem pública e judicial, assim como problema de saúde pública e direitos humanos, causando como consequência a medida de punição (SOUSA, NOGUEIRA, GRADIM, 2013, p. 426). De acordo com Marques, Riquinho, Santos, Vieira (2017, p. 2) “a violência por parceiro íntimo (VPI) define-se como um comportamento dentro de uma relação íntima que causa dano físico, sexual ou psicológico, incluindo-se atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos controladores”.

A violência de gênero tornou-se uma ação constante independente de gênero, cor, etnia, cunho religioso, naturalidade, sexualidade ou condições socioeconômicas (SOUSA, NOGUEIRA, GRADIM, 2013, p. 426). Na questão saúde é motivo de preocupação vindo a ser considerado além de agravo uma ameaça a vida no que tange as relações interpessoais e qualidade de vida (HESLER et al., 2013, p. 181).

Nesse contexto a violência de gênero tornou-se uma questão de direitos humanos, de acordo com a frequência e prevalência de casos que superam muitas doenças, esse tipo de violência tornou-se invisível para a sociedade. Dentre os ataques violentos que as próprias mulheres sofrem muitas não têm consciência do que estão sofrendo no âmbito familiar, neutralizando, banalizando e vindo a acreditar que tal situação faz parte do cotidiano de um casal (MOURA, NETTO, SOUZA, 2012, p. 436).

De acordo com a gravidade dos fatos e a situação em questão, sua vivência requer planejamento dos órgãos públicos envolvidos, promovendo trabalhos em grupos que desmistifique as diferenças combatendo as desigualdades de sexo, mexendo nos valores considerados como padrões culturais, devolvendo as mulheres a auto independência, garantindo assim um acolhimento digno (CORTES, PADOIN, KINALSKI, 2016 p. 2).

Conforme Martin et al., (2018, p. 2) “A violência de gênero é apontada como problema de saúde pelos profissionais. Segundo pesquisas” A cada três mulheres uma já sofreu agressão por pessoas íntimas de seu convívio, família, cônjuge, parceiro ativo ou ex-parceiro (MARTIN et al., 2018, p. 2).

Por assim dizer a violência contra a mulher, tida como frágil ainda por muitos e incapaz por uma minoria, hoje é um exemplo de fortaleza, luta e conquista por seu espaço, embora tenha aumentado de forma gritante o número de agressões por diversos fatores, a

mulher tem se mostrado cada vez mais capaz de se superar e provar que pode ser independente, feliz e reconstruir sua vida independente de ter um parceiro ou não ao seu lado.

Para Cortes, Padoin, Kinalski, (2016 p. 2) “quando as mulheres buscam apoio, muitas vezes é uma decisão tardia”. Porque esses órgãos muitas vezes não são vistos como lugar de acolhimento devido a quantidade de casos entre outras demandas diárias (CORTES, PADOIN, KINALSKI, 2016 p.2). Com isso, termina por não passar segurança a mulher em buscar apoio e ajuda em alguns casos “menos graves”, por assim dizer. Porque infelizmente muitos ainda acreditam que é briga de casal e a mulher tem que aprender a conviver com o ponto de vista de seu cônjuges e submetendo a certos tipos de agressões acreditando que é seu temperamento nervoso, e que não é sempre assim agressivo e que ela deve ter mais compreensão e paciência.

Os cuidados com as mulheres nas unidades de saúde se restringem ao tratamento das lesões físicas. Para alguns profissionais ainda há certa dificuldade para reconhecer a agressão, acredita-se que pela falta de preparo e capacitação, por falta de lidar com essa realidade (MARTIN et al., 2018, p. 2). Sem ter e/ou saber como ajudar o profissional muitas vezes chega a dizer que é assim mesmo que casamento é renúncia e saber viver, é melhor tê-lo que separar sem pensar, que ele pode mudar com o tempo.

Os serviços de saúde com atenção as mulheres violentadas são formadas por um conjunto de medidas de acordo com sua competência para melhor acolhimento e atenção frente a situação dessa mulher (CORTES, PADOIN, KINALSKI, 2016 p. 2). Graças a Lei Maria da Penha 11340/2006, As Delegacias Especializadas de Atendimento à mulher entre outros serviços.

Diz Cortes, Padoin, Kinalski (2016 p. 6) que “um dos entraves para o encaminhamento das mulheres é o desconhecimento acerca do funcionamento dos serviços.” Essa é uma sensibilidade abordada por profissionais da enfermagem que identificam a necessidade com cuidado e sempre com planejamento por toda a equipe multiprofissional (CORTES, PADOIN, KINALSKI, 2016 p. 6).

Conforme Moura, Netto, Souza, (2012, p. 436) “A relevância está na ampliação dos conhecimentos por parte dos profissionais e estudantes da área de saúde acerca dos problemas que envolvem as mulheres que vivenciam agressões físicas”.

Diante do exposto, a problemática do estudo terá como questão norteadora: Quais os tipos de Violência contra mulher nos demais estágios da vida? Os objetivos consistem em

buscar compreender a violência desde a gestação e entender os impactos da violência na vida da mulher no meio social.

Método

Buscou-se compreender a forma de acolhimento e cuidados relacionados as mulheres que sofrem agressões no seu contexto de vida. A devida temática foi abordada segundo estudo descritivo, com abordagem quantitativa, realizado a partir de revisão bibliográfica. A abordagem à essas mulheres, requer da enfermagem uma troca de informações e comunicações acerca de seus cuidados e encaminhamentos. O estudo utilizou como descritores a busca por assunto como: Violência, mulher e família, serão selecionados da base de dados SCIELO, como limitadores será usado texto completo, artigos, periódicos científicos em português, expansores de fonte acadêmica, busca avançada por ano 2012 a 2018, na pré-seleção 15 artigos finais, na leitura dinâmica dos artigos serão mantidos os que discutem violência e mulher nas pesquisas. Seleção final sobraram 6 artigos como objeto de análise 2012 a 2018, sendo eles:

Tabela 1 – Artigos que fizeram parte deste estudo

Autor(es)	Nome do Artigo	Revista/ Ano	Principais Resultados
MOURA, Maria Aparecida Vasconcelos, NETTO, Leônidas de Albuquerque, SOUZA, Maria Helena Nascimento.	Perfil sociodemográfico de mulheres em situação de violência assistidas nas delegacias especializadas.	Esc. Anna Nery / 2012.	As mulheres eram jovens, brancas, com ensino fundamental completo, solteiras e com ocupação. A maioria residia na zona norte da cidade. O local de ocorrência do delito foi a residência. Predominou a agressão psicológica. Os agressores eram membros próximos da família. Violência é uma forma de expressão dessas famílias, sendo necessária mudança de paradigma de civilização.
HESLER, Lilian Zielke, COSTA, Marta Coccoda, RESTA, Darielli Gindri, COLOMÉ, Isabel Cristina dos Santos.	Violência contra as mulheres na perspectiva dos agentes comunitários de saúde.	Rev. Gaúcha Enferm. / 2013.	As conceituações da violência contra as mulheres centram-se na violência enquanto construção social e de desigualdades de gênero; e violência enquanto construção multifatorial. Em relação às práticas de cuidado e enfrentamento, observaram-se algumas ferramentas: a construção de estratégias de cuidado junto com a equipe; vínculo, escuta e diálogo com a mulher vítima de violência. Acredita-se que este estudo contribua para dar visibilidade a essa problemática como uma necessidade de saúde e assistência e para a construção de estratégias de enfrentamento.
SOUSA, Ane	Perfil da violência doméstica e familiar	Cad. saúde	As vítimas apresentaram idade média de

Karine Alkmimde , NOGUEIRA, Denismar Alves, GRADIM, Clícia Valim Côrtes.	contra a mulher em um município de Minas Gerais, Brasil.	colet. / 2013.	33,28 anos, enquanto os agressores apresentaram idade média de 35,55 anos. O domingo foi o dia em que ocorreu maior número de casos de violência, e apenas 22,7% dos agressores estavam sob efeito de bebidas alcoólicas. Conclui-se que, ao se conhecer a violência do município, novas práticas sociais e ações de saúde serão estruturadas.
CORTES, Laura Ferreira, PADOIN, Stela Maris de Mello, KINALSKI, Daniela Dal Forno.	Instrumentos para articulação da rede de atenção às mulheres em situação de violência: construção coletiva.	Rev. Gaúcha Enferm. / 2016	Definiu-se o direcionamento do fluxo de andamento e, os pontos para compor a rede; o que seria preciso comunicar entre os serviços: dados de identificação da mulher e da família, relato acerca da situação e a continuidade do cuidado. Concluiu-se que há necessidade de formalização institucional dos dispositivos construídos. A articulação entre os serviços requer comunicação, envolvimento e compromisso dos profissionais para garantir a continuidade do cuidado.
MARQUES, Samara Silva, RIQUINHO, Deise Lisboa, SANTOS, Maxuel Cruz dos, VIEIRA, Letícia Becker.	Estratégias para identificação e enfrentamento de situação de violência por parceiro íntimo em mulheres gestantes.	Rev. Gaúcha Enferm. / 2017	Emergiu a categoria: "É bem complexo" - ações de identificação e enfrentamento da violência por parceiro íntimo em mulheres gestantes. As lesões físicas foram o principal indicativo de violência identificada na consulta pré-natal. As estratégias de enfrentamento foram os encaminhamentos a serviços especializados e discussão conjunta com a equipe de saúde. Conclusão: Aponta-se a necessidade de organização de um protocolo de enfermagem que auxilie na identificação e classificação de risco à exposição à violência, educação permanente destes profissionais e fortalecimento das ações intersectoriais.
MARTINS, Lidiane de Cassia Amaral, SILVA, Ethel Bastos da, DILÉLIO Alitéia Santiago, COSTA, Marta Cocco da, COLOMÉ, Isabel Cristina dos Santos, ARBOIT, Jaqueline.	Violência de gênero: conhecimento e conduta dos profissionais da estratégia saúde da família.	Rev. Gaúcha Enferm. / 2018	Observou-se que o conhecimento dos profissionais sobre as definições, epidemiologia e manejo da violência variou de razoável a ótimo, apesar de conhecerem pouco sobre a prevalência de violência durante o período gestacional. Quanto às condutas, evidenciou-se dificuldade em questionar as mulheres sobre a violência e sua notificação. Os profissionais com menor tempo de assistência e que receberam capacitação apresentaram condutas mais adequadas. Conclusões: Sugere-se a realização de ações educativas visando fornecer subsídios para a atuação dos profissionais frente aos casos de violência de gênero.

Fonte: Autores da Pesquisa

A análise aconteceu através do conteúdo estudado nos artigos. Após a avaliação dos materiais foi feito um texto, onde se expôs o acolhimento e cuidados relacionados às mulheres que sofreram agressões no seu contexto de vida. A análise foi voltada sempre à comparação e confronto das idéias dos diversos textos e autores analisados e que respondam a pergunta em questão: Como acontece o acolhimento e cuidados relacionados às mulheres que sofrem

agressões no seu contexto de vida? Lembrando que não foi utilizado qualquer artigo. Apenas aquele em que relatou sobre acolhimento e cuidados relacionados às mulheres que sofreram agressões no seu contexto de vida. Foi feita em forma de texto uma comparação incluindo as referências bibliográficas selecionadas onde a principal função foi avaliar o nível de entendimento sobre acolhimento e cuidados relacionados as mulheres que sofrem agressões no seu contexto de vida.

Resultados

Violência Durante a Gestação

A violência contra o sexo feminino ainda é muito frequente e com grandes repercussões na vida dessas mulheres, muito embora seja considerada e reconhecida como um problema de ordem e saúde pública e alvo de medidas punitivas e protetivas esse tipo de violência tem crescido a cada ano de maneira assustadora.

As agressões sofridas por mulheres são consideradas um problema de saúde, segurança e justiça, atos que exigem punição, desde o ano de 1996 essa forma de violência vem sendo priorizada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e estão sendo estudadas mundialmente (SOUZA, NOGUEIRA, GRADIM, 2013, p. 426).

De acordo com Marques et al., (2017, p. 2) ” em todas as etapas do crescimento e desenvolvimento das mulheres encontram-se relatos de violência.” A violência contra mulher no período de gestação está na maioria das vezes relacionada com fato de não ser gravidez desejada, ou mulher ser solteira, adolescente, não ter um parceiro fixo e na maioria das vezes por seu companheiro ou por ela já sofrer alguns tipos de violência antes, ou após a descoberta da gravidez e até mesmo pelo sexo do feto.

Existem relatos de agressões em todas as fases da vida da mulher, porém, no período gestacional podem reduzir com o intuito de proteger o feto, ou agravar ainda mais, sendo um fator preocupante para a gestante. As multigestas são mais vulneráveis, pois os riscos de complicações desencadeados pela violência são diversos, podendo comprometer a gestação ou até mesmo o parto, gerando consequências gravíssimas para a mãe e o bebê (MARQUES et al., 2017, p. 2).

As unidades básicas de saúde têm um papel importantíssimo, pois mantêm contato direto com a população, sendo assim, são procurados pelas vítimas de maus tratos. Pois a violência é também um problema de saúde e exige os devidos cuidados, com isso os profissionais de saúde montam planos para orientar as vítimas quanto a melhor forma de enfrentar essas situações. (SOUZA, NOGUEIRA, GRADIM, 2013, p. 426).

Um acompanhamento gestacional bem feito pode diminuir os atos de violência durante a gravidez, contudo a assistência deve atender a paciente de forma geral, abrangendo diversos aspectos com o intuito de proteger a mãe e o filho. (MARQUES, et al., 2017, p. 4).

Na visão do profissional de enfermagem, o distanciamento dessas mulheres no acompanhamento gestacional, impede a realização dos cuidados e a falta de coragem para reagir perante as agressões. (MARQUES, et al., 2017, p. 4).

Os impactos da violência na vida da mulher no meio social e os cuidados de enfermagem diante a situação de violência

No ano de 2001, um estudo feito no Brasil revelou que 2,1 milhões de mulheres já foram submetidas a agressões graves com uma estimativa de 175 mil vítimas violentadas mensalmente. Estes dados revelam uma realidade desumana em que a violência ocorre em grande frequência caracterizando assim um ciclo vicioso. (MOURA, NETTO, SOUZA, 2012, p. 436).

A violência domiciliar passou a ser vista como uma questão social e de saúde pública, no final dos anos 60, segundo estudos sobre relacionamento com a família, o papel tradicional da mulher no âmbito familiar e sua posição exercida na sociedade. (MOURA, NETTO, SOUZA, 2012, p. 436).

Um dos agravos que atualmente mais impactam na saúde pública e que abrange maior parte da população do sexo feminino é a violência. Pois é uma das maiores causas de mortalidade em faixa etária reprodutiva e financeiramente independente. (MOURA, NETTO, SOUZA, 2012, p. 436).

Ainda assim, estima-se que há um grande número de casos não notificados de gênero que sofrem violência praticada por seu conjugue. Pois a inibição por medo do agressor e o receio do olhar da sociedade ou até mesmo

por não reconhecer a sua situação de violência. Não denunciam o ocorrido. (MOURA, NETTO, SOUZA, 2012, p. 437).

O princípio da atenção que integra à rede de serviços é a unidade de saúde da família. Pois tenta-se entender o contexto local, identificando os problemas de saúde e as situações vulneráveis presentes na localidade. Além de promover ações socioeducativas com cooperação da comunidade. (HESLER et al., 2013, p. 181).

A unidade básica de saúde (UBS) através das equipes da estratégia de saúde da família, pode fazer algumas intervenções relacionadas a violência contra a mulher, ou seja, identificando o problema, realizando o acolhimento, atenção com qualidade, apoiando as usuárias e o acompanhamento dos casos. A saúde como referência nas relações tecnológicas e na total atenção aos clientes. Porém não compete unicamente a ESF resolver esse problema, pois o objetivo do setor de saúde é estruturar de forma coletiva, garantindo o direito de cidadania de toda mulher. Deve-se levar em consideração, a relevância do desenvolvimento de órgãos institucionais interdisciplinares e sólido e que desenvolva estratégias que diminuam as diferenças. (HESLER et al., 2013, p. 185).

É relevante que os profissionais e estudiosos da área de saúde ampliem os conhecimentos com relação aos problemas relacionados as mulheres que sofrem diversos tipos de violências físicas, psicológicas, patrimoniais e sexuais. (MOURA, NETTO, SOUZA, 2012, p. 436).

A corresponsabilidade no combate aos vários tipos de agressões é de todos os profissionais da área da saúde. Contudo o enfermeiro tem um papel importante. Pois também é coparticipante na instrumentalização dos profissionais envolvidos. (HESLER et al., 2013, p. 185).

Para auxiliar no momento de intervenções e nos planos de combate a violência contra a mulher, são elaboradas ações, onde é perceptível o compromisso assumido pelos profissionais de saúde. Porém essas condutas ainda não são totalmente praticadas no que se refere ao combate desses problemas. (HESLER et al., 2013, p. 185).

O enfermeiro é o profissional que está em constante contato com essas mulheres. Pois além de acolher, realizar ações de orientação, auxiliar a população quanto a melhoria na qualidade de vida e na elaboração de práticas assistenciais. Também elabora ações, age de forma interativa e fundamentada numa atenção de qualidade, com ênfase na conversa entre

cliente e o profissional de saúde, mantendo o sigilo, respeitando a privacidade e sem análises precipitadas, com o intuito de detectar a violência e assegurar os direitos e a liberdade das vítimas. (HESLER et al., 2013, p. 184).

O enfermeiro assim como outros profissionais da área da saúde, faz parte de uma equipe multidisciplinar, onde são traçadas estratégias de enfrentamento a violência. Porém o enfermeiro tem um papel importante. Pois é quem faz o intermédio entre a equipe e as vítimas que sofrem de maus tratos, faz o acolhimento, as notificações, as orientações, os devidos encaminhamentos, dentre tantas outras formas de cuidado.

É perceptível o crescente número de casos relacionados a violência contra a mulher. Essa situação impacta direta ou indiretamente na sociedade. Pois além dos gastos com os tratamentos que podem ser através de medicamentos ou terapias, também tem custos relacionado com a previdência. Pois algumas mulheres ficam impossibilitadas de comparecer ao trabalho, e em outros casos a violência pode desencadear em feminicídio. Deixando filhos órfãos e famílias desestruturada.

Muitas não denunciam seus parceiros. Pois além de dependerem financeiramente, em algumas vezes desconhecem o ato vivenciado como agressão. Pelo fato de viver numa sociedade machista, onde algumas atitudes são consideradas normais.

A decisão da vítima em não notificar a violência. Além de dificultar o processo de investigação dos profissionais envolvidos pode acarretar em atos fatais. Por outro lado, o medo de morrer, a dependência financeira, a preocupação em manter a família estável, e a exposição perante a sociedade muitas vezes influenciam na inibição das vítimas.

Conclusões

Diante dos artigos lidos e analisados, pôde-se perceber que nem sempre as mulheres identificam a violência que sofrem, pois às vezes desconhecem o ato como agressão, são tratamentos tão corriqueiros que se tornam comuns no seu cotidiano, a violência vai além de um comentário inadequado ou uma palavra de desrespeito, pois podem ferir tanto quanto a agressão física, podendo ser identificada também quando afetam a moral, o psicológico e o patrimônio da mulher, gerando com isso consequências graves ou até mesmo irreparáveis.

As omissões das vítimas em expor o ocorrido dificultam as investigações por parte dos órgãos competentes, pois a falta de denúncias impossibilita a agilidade e criação de estratégias para combater esses atos, sendo assim, cabe aos profissionais da saúde prestar os devidos atendimentos com base nos relatos, não sobre julgando a estado da vítima, e prestando os devidos cuidados, atendimentos. Logo que a cliente não quis se expor falando o que de fato ocorreu, o profissional de saúde não deverá forçar deixando-a a vontade. Porém a denúncia só pode ser realizada com a autorização da vítima, o enfermeiro tem o papel de acolher, orientar, aconselhar, encorajar e notificar, pois, a notificação é compulsória, mas a decisão em registrar a agressão é da vítima.

O presente estudo mostra que mesmo com os avanços e modernidade, algumas mulheres ainda são submissas aos valores e crenças impostos pela sociedade. Pois não conseguiram conquistar sua independência totalmente, onde anulam sua própria vida para satisfazer o ego do seu parceiro ou de qualquer outro membro da família.

Contudo, seria necessária mais iniciativa por parte dos órgãos responsáveis, com o objetivo capacitar mais profissionais para este tipo de acolhimento, promover ações de sensibilização educativas, com o intuito de orientar a população feminina quanto aos diversos tipos de agressões sofridas e vivenciadas abordar sobre as possíveis consequências e os impactos que esses atos geram na sociedade. Estimular o respeito e a valorização independentemente cor, raça e religião e condições socioeconômicas, conscientizar quanto aos direitos que possuem e encorajar as denúncias, pois só assim terá seus direitos garantidos.

Referências

CORTES, Laura Ferreira, PADOIN, Stela Maris de Mello, KINALSKI, Daniela Dal Forno. Instrumentos para articulação da rede de atenção às mulheres em situação de violência: construção coletiva. **Rev. Gaúcha Enferm.** vol.37 no.spe Porto Alegre 2016 Epub 05-Jun-2017. Disponível :<<http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2016.esp.2016-0056> >(Acessado em: 13 de abril de 2019 às 00h08min).

HESLER, Lilian Zielke, COSTA, Marta Coccoda , RESTA, Darielli Gindri, COLOMÉ, Isabel Cristina dos Santos. Violência contra as mulheres na perspectiva dos agentes comunitários de saúde. **Rev. Gaúcha Enferm.** vol.34 no.1 Porto Alegre mar. 2013. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S1983-14472013000100023> > (Acessado em: 13 de abril de 2019 às 00h12min).

MARQUES, Samara Silva, RIQUEINHO, Deise Lisboa, SANTOS, Maxuel Cruz dos, VIEIRA, Letícia Becker. Estratégias para identificação e enfrentamento de situação de violência por parceiro íntimo em mulheres gestantes. **Rev. Gaúcha Enferm.** vol.38 no.3 Porto Alegre 2017 Epub 05-Abr-2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2017.03.67593>> (Acessado em: 13 de abril de 2019 às 00h10min).

MARTINS, Lidiane de Cassia Amaral, SILVA, Ethel Bastos da, DILÉLIO Alitéia Santiago, COSTA, Marta Cocco da, COLOMÉ, Isabel Cristina dos Santos, ARBOIT, Jaqueline. Violência de gênero: conhecimento e conduta dos profissionais da estratégia saúde da família. **Rev. Gaúcha Enferm.** vol.39 Porto Alegre 2018 Epub 02-Jul-2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2018.2017-0030>> (Acessado em: 13 de abril de 2019 às 00h05min).

MOURA, Maria Aparecida Vasconcelos, NETTO, Leônidas de Albuquerque, SOUZA, Maria Helena Nascimento. Perfil sociodemográfico de mulheres em situação de violência assistidas nas delegacias especializadas. *Esc. Anna Nery* vol.16 no.3 Rio de Janeiro set. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452012000300002>> (Acessado em: 13 de abril de 2019 às 00h14min).

SOUSA, Ane Karine Alkmim de, NOGUEIRA, Denismar Alves, GRADIM, Clícia Valim Côrtes. Perfil da violência doméstica e familiar contra a mulher em um município de Minas Gerais, Brasil. *Cad. saúde colet.* vol.21 no.4 Rio de Janeiro 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-462X2013000400011>> (Acessado em: 12 de abril de 2019



Como citar este artigo (Formato ABNT):

MENDES, Rute Nascimento Pimentel; SANTOS, Jane Kley Matos dos; LISBOA, Miréia Santana Araújo; LIMA, Thalita Pacheco de Almeida. A violência contra a mulher no âmbito familiar. **Id on Line Rev. Mult. Psic.**, Outubro/2019, vol.13, n.47, p. 38-48. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 27/07/2019;
Aceito: 06/08/2019.